

## Na corda bamba e por um fio: cancelamentos, precarização e novos modos de *re-existência* artística durante a pandemia da Covid-19 no Brasil\*

Isabel Penoni\*\*

Jaqueline Andrade\*\*\*

Phellipe Azevedo\*\*\*\*

Rodrigo Maré\*\*\*\*\*

Wallace Lino\*\*\*\*\*

### Resumen

En el 9 de octubre de 2020, cinco de los siete integrantes de la Cía Marginal se reunieron en una videollamada por Zoom compartida por una serie de artistas y colectivos del teatro carioca. El propósito del encuentro fue la escritura colectiva de un artículo que reflexionó sobre los impactos de la pandemia del Covid-19 en la práctica del grupo, lo que decidimos hacer en forma de "artículo hablado", para utilizar los términos y la referencia de Azevedo *et al.* (en prensa). Se trata de experimentar una escritura sustentada en la experiencia vivida, que no oculta los vínculos entre quién dice y qué se dice. Con esto, se desea proyectar los cánones académicos y sus jerarquías violentas, utilizando un procedimiento de discurso alternativo basado en la oralidad y sus afectos. Entonces, con la mediación de la pantalla, desde nuestras casas, hablamos durante tres horas seguidas, de las cuales este texto busca mantener no solo las ideas, sino principalmente la urgencia que plantean. Lo que tenemos aquí es memoria, substancia de pensamiento.

**Palabras clave:** pandemia – teatro – Cía Marginal

---

\* Texto produzido com apoio do Programa Pesquisador – Instalação (PPIInst – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), através do projeto de pesquisa “Encenação e Pedagogia – dispositivos contemporâneos de um teatro socialmente engajado”, coordenado por Isabel Penoni.

\*\* Isabel Penoni é diretora e pesquisadora teatral, professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Artes Cênicas (PPGEAC) e do Departamento de Ensino do Teatro da UNIRIO

\*\*\* Jaqueline Andrade é atriz e assistente social, formada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo atuado e colaborado em espetáculos do Coletivo Paralelas, Grupo Atiro e Coletivo Arame Farpado, além da Cia Marginal.

\*\*\*\* Phellipe Azevedo é diretor, ator, roteirista, produtor e educador, Licenciado em Teatro pela UNIRIO, com pesquisa sobre favela, processo colaborativo e criação artística.

\*\*\*\*\* Rodrigo Maré é músico percussionista, ator e arte-educador, coordenador do projeto Panderolando Maré, de arte-educação musical.

\*\*\*\*\* Wallace Lino é pesquisador, ator, diretor, dramaturgo e educador, Licenciado em Teatro pela UNIRIO. Todos integram a Cia Marginal.

## Resumo

A 09 de outubro de 2020, cinco dos sete integrantes da Cia Marginal<sup>1</sup> se reuniram numa sala de uma conta do *Zoom* compartilhada por uma série de artistas e coletivos de teatro cariocas. O objetivo da reunião era a escrita coletiva de um artigo que refletisse sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na prática da companhia, o que resolvemos fazer na forma de um “artigo falado”, para usar os termos e a referência de Azevedo *et al* (no prelo). Trata-se de experimentar uma escrita amparada pela experiência vivida, que não oculta os vínculos entre quem diz e aquilo que se diz. Busca-se, com isso, tencionar os cânones acadêmicos e suas hierarquias violentas, recorrendo a um procedimento discursivo alternativo baseado na oralidade e em seus afetos. Assim, com a mediação da tela, a partir de nossas casas, conversamos por três horas seguidas, das quais este texto procura guardar não apenas as ideias, mas, principalmente, a urgência que elas suscitam. O que temos aqui é memória —matéria de pensamento.

**Palavras chave:** pandemia – teatro – Cia Marginal

Nas linhas que se seguem, o leitor terá acesso a um pouco do que temos pensado não apenas coletivamente, mas também individualmente, sobre os “cancelamentos” a que nossos espetáculos foram submetidos, a precarização ainda maior de nosso

---

<sup>1</sup>A Cia Marginal desenvolve prática teatral contínua desde 2005. Sediada na Maré, maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro, a companhia é hoje referência na cena contemporânea da cidade, com cinco espetáculos no repertório, criados a partir de pesquisas imersivas em contextos específicos. Estes trabalhos problematizam as relações entre centro e margem, desconstruindo narrativas hegemônicas com a inscrição de vozes e corpos periféricos em cena. A Cia Marginal tem-se apresentado nos principais teatros do Rio e em importantes festivais nacionais e internacionais. O espetáculo *Eles não usam tênis naique* circulou por mais de 40 cidades brasileiras entre 2018-2019. O trabalho mais recente, *Hoje não saio daqui*, contemplado pelo Rumos Itaú Cultural 2017-2018, foi apontado entre os dez melhores espetáculos de 2019 pelo Jornal O Globo. A companhia é hoje integrada por sete multiartistas e pesquisadores: Geandra Nobre e Priscilla Monteiro somam-se aos já citados.

trabalho com as chamadas “medidas emergenciais” para o setor cultural; e também sobre os sentidos de “re-existência” das ações em que muitos de nós nos engajamos durante o período de isolamento social iniciado no Brasil em meados de março de 2020. Mais que tudo, ficará evidente, em consonância com o que disse Grada Kilomba (2020), em entrevista recente ao BOCA – *Biennial of contemporary arts*, o quando “a pandemia torna extremamente visível a história colonial e suas estruturas de exclusão”, levando aqueles que são sistematicamente marginalizados a marcar uma posição que passa muitas vezes por estabelecer parcerias que efetivamente lhes possibilitem “não mais apenas reagir a narrativas, mas a ditar suas próprias narrativas” (*Idem*).

Para isso, manteve-se aqui o calor das falas, com suas peculiaridades. Serão perceptíveis as múltiplas intersecções de gênero, raça e classe que configuram a Cia Marginal<sup>2</sup>, através de um discurso que procura incluir diferentes linhas de força e expressão. Neste artigo, tecido por variadas vozes, o leitor poderá antever logo nas primeiras páginas como para a maioria dos integrantes da companhia, negros e moradores de favela, a construção de uma trajetória profissional no teatro, ainda que excepcional, não implica mais que uma estabilidade material e emocional circunstancial, inscrevendo a luta pela sobrevivência como um aspecto indissociável de sua prática artística.

### **Quando a exceção volta a ser regra**

Para Nas linhas que se seguem, o leitor terá acesso a um pouco do que temos pensado não apenas coletivamente, mas também individualmente, sobre os “cancelamentos” a que nossos espetáculos foram submetidos, a precarização ainda

---

<sup>2</sup> Dos sete integrantes da Cia Marginal, Isabel é moradora do Flamengo (Zona Sul do Rio); Geandra Nobre, Priscilla Monteiro e Rodrigo Maré, da Maré (Zona Norte); Jaqueline Andrade e Wallace Lino, de Ramos (Zona Norte) e Estácio (Centro), respectivamente, mas, assim como os três anteriores, “crias” da Maré; e, por fim, Phellipe Azevedo, morador do Morro do Pinto (Centro) e “cria” do Cajú (Zona Norte). Isabel e Phellipe se identificam como brancos, Priscilla como “afro-indígena”; Geandra, Jaqueline, Rodrigo e Wallace, como negros. Isabel é a única que não foi criada nem nunca morou em uma favela.

maior de nosso trabalho com as chamadas “medidas emergenciais” para o setor cultural; e também sobre os sentidos de “re-existência” das ações em que muitos de nós nos engajamos durante o período de isolamento social iniciado no Brasil em meados de março de 2020. Mais que tudo, ficará evidente, em consonância com o que disse Grada Kilomba (2020), em entrevista recente ao BOCA – *Biennial of contemporary arts*, o quando “a pandemia torna extremamente visível a história colonial e suas estruturas de exclusão”, levando aqueles que são sistematicamente marginalizados a marcar uma posição que passa muitas vezes por estabelecer parcerias que efetivamente lhes possibilitem “não mais apenas reagir a narrativas, mas a ditar suas próprias narrativas” (*Idem*).

Para isso, manteve-se aqui o calor das falas, com suas peculiaridades. Serão perceptíveis as múltiplas intersecções de gênero, raça e classe que configuram a Cia Marginal<sup>3</sup>, através de um discurso que procura incluir diferentes linhas de força e expressão. Neste artigo, tecido por variadas vozes, o leitor poderá antever logo nas primeiras páginas como para a maioria dos integrantes da companhia, negros e moradores de favela, a construção de uma trajetória profissional no teatro, ainda que excepcional, não implica mais que uma estabilidade material e emocional circunstancial, inscrevendo a luta pela sobrevivência como um aspecto indissociável de sua prática artística.

### **Quando a exceção volta a ser regra**

ISABEL – Quando a pandemia chegou ao Brasil, a Cia Marginal completava mais de um ano da produção de *Hoje não saio daqui*<sup>4</sup>. Fechamos 2019 com uma indicação

---

<sup>3</sup> Dos sete integrantes da Cia Marginal, Isabel é moradora do Flamengo (Zona Sul do Rio); Geandra Nobre, Priscilla Monteiro e Rodrigo Maré, da Maré (Zona Norte); Jaqueline Andrade e Wallace Lino, de Ramos (Zona Norte) e Estácio (Centro), respectivamente, mas, assim como os três anteriores, “crias” da Maré; e, por fim, Phellipe Azevedo, morador do Morro do Pinto (Centro) e “cria” do Cajú (Zona Norte). Isabel e Phellipe se identificam como brancos, Priscilla como “afro-indígena”; Geandra, Jaqueline, Rodrigo e Wallace, como negros. Isabel é a única que não foi criada nem nunca morou em uma favela.

<sup>4</sup> Realizado com recursos do Rumos Itaú Cultural 2018, *Hoje não saio daqui* estreou em dezembro de 2019, no Parque Ecológico da Maré (Rio de Janeiro). Criado para acontecer em parques e jardins, de forma itinerante e interativa, o espetáculo reúne no elenco, além das atrizes e atores da Cia Marginal, mais cinco multiartistas angolanos (Zola Star, Ruth Mariana, Maria Tussevo, Elmer Peres, Vanu

ao Prêmio Faz Diferença, o espetáculo apontado entre os dez melhores do ano e um 2020 promissor pela frente. Na semana em que entramos na quarentena, eu e Ruth íamos participar de uma reunião com um grupo de curadores franceses, vocês lembram? A reunião foi cancelada na véspera, os franceses voltaram para casa; e recorro da sensação de escorrer pelos dedos uma oportunidade importante. Sabemos que nada é fácil de ser construído por um grupo como o nosso. A Cia Marginal convive desde o início com uma força voltada para que ela não exista. Então, é impossível não se afligir com uma quebra como essa, gerada pela pandemia, que interrompe bruscamente uma trajetória já construída com tanta dificuldade. Além do *Hoje não saio daqui*, que teve sua circulação interrompida, Wallace e o Grupo Atiro<sup>5</sup> estavam para estrear o *Corpo minado* no SESC-Ginástico; e Phellipe e o Arame Farpado<sup>6</sup> tinham acabado de estrear *O clássico êxodo* no SESC-Copacabana. Como vocês viveram esses cancelamentos? Quais foram suas consequências materiais, simbólicas e afetivas?

WALLACE – Eu fico pensando em como os nossos trabalhos são atravessados pelas perseguições que sofremos como artistas, nessa interação mais comercial com a cena carioca. A primeira resposta negativa que tivemos foi quase uma morte dessa tentativa de se estabelecer no teatro de fato. Eu estava envolvido em três trabalhos;

---

Rodrigues e Nzaji). Com direção de Isabel Penoni e dramaturgia construída em colaboração com o escritor Jô Bilac, abordam-se questões como o imaginário exotizante em torno do desconhecido, o apagamento da história de pessoas negras, o racismo e a xenofobia crescentes, assim como, inversamente, as múltiplas possibilidades de resistência afetiva e política no convívio com a diversidade.

<sup>5</sup> O Atiro é um grupo de teatro oriundo da Maré, formado em 2013 a partir das oficinas de extensão da Cia Marginal em parceria com a Redes da Maré. Ao longo de sua trajetória, consolidou uma equipe e produziu seis espetáculos: *Vai* (2013); *Família e Obedeça* (2017); *Ant corpo* e *Corpo minado* (2018); e *Corpo minado em quarentena* (2020), os quatro do meio compoem um único projeto chamado “Agora Sei o Chão que Piso”. Integram hoje o grupo: Desirré Santos, João Paulo Rodrigues, Kamyla Galdeano, Marcos Diniz, Matheus Affonso, Paulo Victor Lino, Romário Melo, Wallace Lino e Wellington Oliveira.

<sup>6</sup> O Coletivo Arame Farpado é formado por artistas que são crias da periferia e da favela. Através das linguagens do audiovisual e do teatro, investiga a fricção entre arte, humor, tecnologia, território e memória. Criado em 2017, na UNIRIO, produziu até hoje dois espetáculos e uma obra audiovisual: as peças *Arame farpado* e “*O clássico êxodo* (2020); e o Reality Show *Canceladas* (2020). Integram hoje o Coletivo: João Pedro Zabeti, Lais Lage, Lidiane Oliveira, Peterson Oliveira, Phellipe Azevedo, Sol Targino e Wellington Oliveira.

atuando no *Hoje não saio daqui*, dirigindo o *Corpo minado*<sup>7</sup> e fazendo a dramaturgia de *O clássico êxodo*<sup>8</sup>. Então, são todas as possibilidades que se abriram para mim como artista, nesse ano, que se fecham. É sobre como eu vou sobreviver, sem ter uma perspectiva de receber alguma grana e sem manter um mínimo de integridade, no sentido de mente estável. A pandemia mostra o quanto ela também é racista... Eu lembro do meu pai falando comigo, eu desesperado com o isolamento, muito preocupado em sobrevivermos ao coronavírus; e ele me diz: “Como eu não vou, trabalhando no hospital, estando exposto 24 horas, beber uma cerveja quando volto para casa? Eu preciso estar vivo”. É asfixiante essa ideia de que nem no isolamento você consegue garantir suas necessidades básicas. Isso para mim é o mais importante. Eu não consigo pensar nos coletivos desligados da minha vida; eles estão conectados à ideia de como eu vou sobreviver.

RODRIGO – Tudo isso que você fala, Wallace, me faz pensar em quem pode e quem não pode; e nas formas diferentes de se relacionar numa cidade e num país no meio de uma pandemia. Mesmo aqui dentro da Maré, as coisas se desdobraram de formas diferentes. No Parque União, eu via as pessoas usando máscara e tentando manter um isolamento mínimo, enquanto na Nova Holanda as pessoas tinham uma relação mais aberta, tipo “vamos mesmo”. Para a gente, enquanto grupo de teatro da favela, da periferia, as maneiras de enfrentar a pandemia também foram diferentes. Apesar de sermos um coletivo, somos plurais. Muita gente falou: “Nunca trabalhei tanto como agora”. Assim como teve quem disse: “Perdi tudo que estava engatilhado”.

---

<sup>7</sup> *Corpo minado* é o quinto espetáculo do Grupo Atiro, dirigido por Desirée Santos e Wallace Lino, e elenco composto pelas atrizes Bárbara Assis, Camila Rocha, Jaqueline Andrade, Kamyla Galdeano e Nádia Bittencourt. Tendo estreado em 2018, no Centro de Artes da Maré, a peça reúne sobreviventes de um massacre, que lutam para garantir um futuro onde mulheres negras continuem a existir. Recentemente, o trabalho foi adaptado para a Internet, recebendo o nome *Corpo minado em quarentena*. Para a versão audiovisual, soma-se à direção JV Santos; e um novo elenco é formado por Adrielle Vieira, Kamyla Galdeano, Livia Laso, Nádia Bittencourt e Vanu Rodrigues.

<sup>8</sup> *O clássico êxodo* tem direção de Phellipe Azevedo e elenco formado por João Pedro Zabeti, Lais Lage, Lidiane Oliveira, Peterson Oliveira e Sol Targino. Estreou em março de 2020, no SESC-Copacabana e teve parte de sua temporada de estreia cancelada em decorrência da pandemia. Articulando as linguagens do audiovisual, da intervenção urbana e do teatro, *O clássico êxodo* discute a questão do acesso à cidade, através da trajetória de uma atriz negra que, para driblar o tempo perdido cotidianamente no trânsito, decide se mudar para um ônibus, transformando-o em sua casa.

A necessidade de se reorganizar com o acesso à Internet foi crucial. O que define é sempre quem tem e quem não tem estrutura. Eu, por exemplo, não tinha estrutura para gravar em casa. Então, conversei com o Thomas e ele disse: “Cara, você tinha que pegar uma grana e investir”. Mas eu não tinha dinheiro, tá ligado? Ele me mostrou um *mic* que é para Iphone e transforma o seu celular numa estrutura para gravar coisas em casa. Pow! Ele comprou no cartão dele, parcelamos em 12 vezes. O dinheiro que eu faço hoje é para pagar essa parada. O nível de reorganização é muito grande... Eu só consegui uma estrutura porque conheço alguém... Apesar de sermos um coletivo, a pandemia obrigou a gente a se reorganizar individualmente; e nada garante que vamos conseguir.

ISABEL – Isso pode levar a uma dispersão dos integrantes do grupo, né?

RODRIGO – Sim, muito. A primeira coisa que eu pensei foi em correr atrás de um trampo formal. Porque *show* não vai ter e a Cia Marginal não vai circular com o *Hoje não saio daqui*. Então, de onde vamos tirar dinheiro? Meu primo até me mandou umas paradas do trabalho dele que dava para fazer de *home office*. É muito louco esse lugar que leva a gente a pensar na estrutura financeira antes de tudo, como o Wallace falou; e só depois no psicológico, na saúde. Eu acredito que muitos grupos resolveram suspender suas atividades por um tempo, por não terem força para conseguir se manter.

ISABEL – E vocês, Jaqueline e Phellipe, como sentiram e viveram esses cancelamentos?

PHELLIPE – Sobre o cancelamento em si, falando de uma vivência muito pessoal, foi um dos momentos mais críticos, pensando na profissão, no grupo, no teatro. Ele colocou em questão os nossos modos de produção e o tipo de produção estabelecido desde sempre. Não estamos recebendo salário, o dinheiro que chega é de seiscentos reais e não paga o aluguel. Você está todo mês lidando com a ajuda de amigos e isso vai virando uma bola de neve na sua cabeça. No meio da quarentena, você pensa: “Tenho que viver isso”. Ao mesmo tempo, você revê a forma como veio produzindo

até aqui. Tem uma fala que ouvi, não lembro de quem, que discutia esses momentos de caos. Porque fica essa esperança de que vai voltar ao que era antes; e o que dizia é que isso não vai acontecer. Mesmo que todo mundo volte a andar na rua, mesmo que não exista mais o coronavírus, as relações e os modos de produção não poderão se manter como antes; e o que havia antes era absurdamente excludente. Quando uma empresa coloca que você precisa iniciar a produção de um espetáculo com o seu próprio dinheiro, ela parte do princípio de que os grupos têm dinheiro. Minha sensação é que a pandemia colocou uma lupa nos problemas sociais. Enquanto tem uma galera que bomba no teatro *online*, os grupos periféricos trabalham sem garantia nenhuma, nem de acesso ao próprio espaço virtual. O que aconteceu com o projeto que estreamos pouco antes da pandemia foi que, como a gente não tinha dinheiro para a montagem, pedimos emprestado; e 90% das pessoas que emprestaram dinheiro são pessoas faveladas. Quando a pandemia começou, tínhamos metade das apresentações ainda a fazer, uma dívida e um espetáculo cancelado. O que fica para mim é que esse espaço não é para a gente. Você pega um empréstimo para fazer um trabalho que futuramente vai te dar apenas o necessário para pagar aquela dívida. E o outro espetáculo, que achei que seria o acontecimento do ano para garantir as nossas vidas também foi cancelado. *Hoje não saio daqui* foi o projeto mais bem pago do último Rumos Itaú Cultural, nacionalmente falando. Se esse é o maior dinheiro que existe no teatro, então esse teatro não é para a gente. Nunca foi. O teatro está morto. Essa galera que se mantém no teatro não ganha dinheiro com isso, a grana vem de outros lugares.

JAQUELINE – Para mim, foi um pouco diferente, porque eu já estava em quarentena antes da pandemia começar, por conta do preceito religioso. Já não podia trabalhar, especialmente com teatro. Mas eu fazia parte do elenco do *Hoje não saio daqui* e do *Corpo minado*; e sabia que os espetáculos circulariam ao longo de 2020. Apesar de não estar participando desses trabalhos no início da pandemia, eu contava com eles para viver em 2020, porque o teatro é o meu sustento, é de onde tiro dinheiro para pagar minhas contas, meu aluguel, para comprar comida para as



minhas gatas e para mim. É muito grave o que está acontecendo. Meu preceito acabou e ainda estamos nessa situação em que o trabalho não existe. O PH fala que a pandemia colocou uma lupa nas questões sociais. Mas não é sobre olhar mais de perto um problema, é sobre sentir na pele o problema ficando maior. A pandemia arrebenta para o lado mais fraco e, no caso, somos nós que estamos nessa ponta. Eu tinha planos de fazer as peças e ganhar dinheiro com elas. Mas isso não está acontecendo. Nessa semana, precisei pegar dinheiro emprestado para pagar a luz. Esse dinheiro não vai para lugar nenhum. Não é um investimento na minha vida, no meu alimento... É simplesmente para pagar contas absurdas. A Light aceitou não cortar a luz das pessoas por três meses. Mas estamos de quarentena há mais de nove meses. Se não pagasse, iriam cortar a luz e ficaria sem geladeira. A pandemia tira o meu trabalho, o meu sustento e a minha dignidade. Pedir dinheiro emprestado é muito indigno. Injusto. Humilhante. A gente tinha total condição de não estar passando por isso, a Cia Marginal em especial. Sabemos o quanto somos exceção nesse rolê da arte no Rio de Janeiro, o quanto alcançamos coisas que muitos outros grupos periféricos não alcançaram. Temos um pouco mais que os outros, mas é tão pouquinho, que no fim estamos no mesmo lugar. Grupos periféricos estão se desdobrando para sobreviver e a Cia Marginal não foge a essa regra. O que antes era uma exceção, agora voltou a ser regra. Voltamos para o lugar em que sempre estivemos, de ter mais dificuldade de acessar certos espaços, mais dificuldade para conseguir dinheiro. É muito difícil ter que viver sempre na corda bamba; e agora a corda está bamba e por um fio. Estou no *Entidade*, com Wallace e Paulo Victor; no *14 de março*, com a Geandra; e no *Canceladas*, com o Arame. A gente vai tentando se virar. O dinheiro, que já era pouco, diminuiu. Eles propõem misérias. Pow... Mil quatrocentos e poucos reais, sem contar o desconto do imposto... E querem excelência...

WALLACE – Hoje estávamos preenchendo o relatório da Secretaria do Estado; tem um ponto em que eles falam que, caso realizem uma nova edição do evento, você tem que se comprometer a disponibilizar novamente sua *live*...

RODRIGO – Graças a Deus, essa Secretaria vai rodar. Eu li essa parada, Wallace;

além de tudo, o material produzido tem que estar dentro da norma deles, o vídeo tem que ter tantos *pixels*... A foto tanto de qualidade... Quem não tem uma estrutura mínima, como se vira?

JAQUELINE – Eles querem o nosso trabalho, mas não querem pagar por esse trabalho. Parece que é um favor que estão fazendo.

ISABEL – Como o grupo está sem nada, acham que qualquer migalha vai ser suficiente para pagar o trabalho.

JAQUELINE – Eles usam nosso desespero, nossa necessidade.

PELLIPE – Nosso medo.

JAQUELINE – Usam porque sabem que a gente vai topa. É como um exército de reserva. Se você não quiser, tem outro que vai querer e por menos do que eles estão te propondo.

PELLIPE – No filme *Pass over*, do Spike Lee, que é um *Esperando Godot* numa esquina de uma possível favela, tem uma cena em que os dois personagens conversam sobre quando vão sair dali. E um deles fala: “Mas e se nunca conseguirmos sair dessa esquina?”. O outro responde: “Então, eu vou aceitar.” Esse “aceitar” representa aquilo que o Rodrigo falou, do trabalho formal; e que acompanha o artista favelado o tempo inteiro... Toda hora você vai lá no *vagas.com*, manda uma mensagem... Isso não é novo.

ISABEL – Voltando à construção da nossa trajetória, que normalmente já é difícil e na pandemia se tornou inviável, é impossível não pensar no caso da empresa da Cia Marginal, que demorou quinze anos para ser criada. Há muito tempo, vínhamos falando do CNPJ do grupo, mas só conseguimos dar esse passo num momento em que sabíamos que poderíamos arcar com aquele custo. *Hoje não saio daqui* não apenas bancou a criação e manutenção inicial como nos fez imaginar que seria possível fazer da empresa algo permanente. Mas veio a pandemia e decretou, senão ainda o fim, a sua suspensão, pois já não temos mais como sustentá-la. Acho paradigmático esse caso, no sentido do impacto da pandemia para o nosso grupo. A Cia Marginal estava

para dar um salto e esse salto foi interrompido antes mesmo de tirarmos os pés do chão.

RODRIGO – Você fala da nossa virada. PH também trouxe isso: “Cara, *Hoje não saio daqui* vai ser o espetáculo do ano”. Acho que tem um tanto de utopia nessa ideia. Nós fomos para Portugal, circulamos muito com *Eles não usam ténis naique*. Isso foi muito grande também. Mas ainda assim estamos aqui, no mesmo lugar. Tem muitas estruturas maiores que a gente, sabe? Esse trabalho, dentro das possibilidades que ele tem, não faz com que a gente supere as necessidades que configuram os artistas desse grupo. Não adianta eu ter um salário de três mil reais por seis meses porque esse dinheiro vai sumir, eu não vou conseguir juntar nada. Independente do que a gente projete como cachê, sempre voltamos para a realidade. O que determina é quem pode e quem não pode acessar, é isso que vai estruturar essa profissão. É doido falar disso.

JAQUELINE – Isso tudo é muito difícil, mas ainda assim eu tinha no que investir. O trabalho artístico me daria, como o Rodrigo falou, apenas algum tipo de estabilidade. Mas ao menos havia a possibilidade de investir em coisas que renderiam a longo prazo. Agora, você investe numa coisa que vai te render apenas naquele momento em que você precisa muito. O investimento a longo prazo parou, porque o nosso trabalho foi o primeiro a sair de cena e será o último a voltar. Se já não tinha muita esperança ganhando edital, agora, ela ficou zerada. As pessoas sabem disso e é como se nada estivesse acontecendo. Pagar muito pouco por um projeto que exige demais das pessoas é fingir que não tem uma pandemia, é ignorar grupos periféricos e privilegiar grupos grandes. Se antes a gente não era visto, agora a gente está morto e ninguém está fazendo questão de velar nosso defunto. Sou muito dramática. Desculpa.

WALLACE – Tudo que a gente está falando tem a ver com esse lugar de alguém que sempre teve que lidar com a exclusão. Ontem eu fui à casa da minha mãe e ela me perguntou sobre como eu estava e aí falei: “Ah, de novo, preocupado sobre como vou pagar o aluguel; enfim, tem algumas possibilidades e tal, mas estou meio

cansado, porque foi o ano inteiro nessa missão de só viver para comer e pagar o aluguel e sempre no desespero. Por exemplo, agora, eu não consigo nem pensar em alguém para pedir dinheiro emprestado”. Aí, ela falou: “Mas nunca foi fácil, né Wallace? Para o pobre, nunca nada foi fácil. Quando a gente começa a estudar, começa também a flertar com o sonho, mas não podemos sonhar sem esquecer da realidade.” Essa fala dela para mim é sobre como existe uma produção cotidiana nossa para se estabelecer como artista, o tempo inteiro sonhando e achando que a realidade vai mudar... Mas isso não é real. Ao contrário, sempre existem experiências que reafirmam essa realidade, como a pandemia... Nunca tive nem dúvida sobre arrumar um outro emprego. Na minha adolescência, quando decidi fazer teatro, eu enfrentava as mesmas questões que estou vivendo agora. A minha mãe dizia que não era para eu fazer teatro porque aquilo não era para a gente. Ela falava sobre uma estabilidade financeira que a outra opção ia me dar e não o teatro. Ainda assim, eu me reconhecia nessa experiência de ser artista e ainda me reconheço. Mas desde lá convivo com esse pânico... Eu lembro de quando a gente soube, no dia da estreia do *Corpo minado*... O técnico do teatro chamou a mim, Wellington e Paulo Vitor para darmos a notícia para as atrizes de que estava cancelado... Eu fico mexido, porque é uma das memórias mais tristes desse processo. A gente estava ali, há dois anos investindo para que esse espetáculo circulasse no máximo de lugares possíveis. E quando a gente conseguiu fazer a primeira venda do espetáculo... Uma das atrizes começou a gritar e foi um grito que todo mundo estava sentindo. “Preto, sempre quando chega no lugar do sonho, eles tiram o nosso tapete!”. E completou: “É um absurdo a gente lutar até aqui e acabar desse jeito!” Depois, a gente foi para um samba e no outro dia para a praia; decidimos ficar ali, em grupo; e falamos de como essa experiência não é exclusiva da nossa trajetória. Amar a negritude é perigoso. Você sente que é perigoso porque você é preto. Rodrigo falou bem, essa não é a primeira vez que a gente sonha que um projeto vai acontecer. Acho que a gente está falando da trajetória da Marginal. E de um sonho que não é de ser artista. Porque eu sou artista. O meu sonho é poder me estabelecer enquanto artista, entende? E se

estabelecer como artista não tem a ver com ser rico, fazer sucesso, tem a ver com existir.

### **Migalhas e racismo estrutural**

ISABEL – Durante a pandemia, toda a sociedade foi convocada a se reinventar no ambiente virtual. Mas sabemos que, para determinadas áreas, como as da cultura e da educação, essa reinvenção implica uma precarização enorme. E, no fim, o risco de desaparecimento. Quando a quarentena começou, eu estava a um mês de estreiar um espetáculo no SESC-Tijuca com duas atrizes daqui do Rio. Diferente do Phellipe, que já tinha estreado, a gente ainda não tinha nem assinado contrato. Aí, entramos na quarentena e o processo de montagem foi suspenso, assim como a pauta prometida. Mais tarde, fomos sondadas sobre a possibilidade de adaptarmos o trabalho para os meios virtuais. Ao que respondemos positivamente, com uma única condição: tempo. Mas a duração que nos pareceu razoável não devia ser aceitável para eles, pois nunca mais entraram em contato. Isso me faz pensar de novo na história das migalhas: “Se você não quer, vai para outro”; e em como a gente acaba sendo obrigado a aceitar condições muito ingratas, que precarizam ainda mais nossas relações de trabalho.

WALLACE – Eu acho que tudo que a gente está falando não pode ser dissociado de um projeto político e econômico que está estabelecido. Quando a gente pega a cultura lá do Censo, a gente vê que ela produzia em 2009, 2010, quando houve uma abertura política, um giro muito maior de capital do que as empresas que controlam a dinâmica da cidade. Mas mesmo naquele momento não se estruturou um projeto para a cultura enquanto política de Estado. Quando a gente pensa em educação, ainda que ela seja precarizada, tem um Estado que garante o espaço da escola, minimamente. O SUS, ainda que precarizado, é um modelo de saúde, porque existe alguma supervisão do Estado. Mas a cultura nunca ocupou esse lugar na história do Brasil. A gente está falando de um projeto político-cultural que não existe. Então, quando nos vemos como favelados e como corpos dissidentes e negros, vamos estar

tretando com esse lugar que não existe. Por isso, a arte pertence aos ricos. Porque quem vai conseguir se estabelecer dentro desse lugar, que não oferece garantia nenhuma, não é o favelado, entende? Quando a gente tem um prefeito que fala que o artista tem que trabalhar com o sentimento, porque não existe dinheiro para a cultura...

RODRIGO – E a Regina Duarte diz que o artista é o “pum” do palhaço...

WALLACE – Justamente. A gente tem uma manifestação do Estado nesse momento da pandemia que é ainda mais irresponsável em relação à cultura. A criação da Marginal como um grupo está ligada àquela abertura política que começa em 2000 e pouco. A nossa trajetória atravessa várias camadas da história, mas essa história nunca vai dar conta das nossas presenças, porque pobre e favelado nunca estiveram dentro, de verdade, de nenhum projeto político até hoje. Acho que isso é muito importante, porque se relaciona com o tratamento que a Marginal e qualquer outro grupo periférico recebem das instituições, com o racismo que sofrem. Mesmo que permitam que a gente entre, controlam como devemos agir e nos portar. Não pode isso, não pode aquilo, enquanto vemos montagens que podem tudo. Aí você chega nesse momento dos editais; e o que já era precarizado, vira um edital emergencial. A palavra “emergencial” já diz que é pontual. Então, a gente ganha esse dinheiro hoje, sem nenhuma responsabilização com relação ao que esse artista precisa amanhã. Por exemplo, em todos os editais que me inscrevi, ganhei 3.000 reais por projeto. Só a elaboração e execução demandam uma tradução para a linguagem do vídeo, que vai exigir mais pessoas na sua equipe técnica do que precisava antes. Mas o valor é menor do que você ganhava antes. No passado, a gente vendia uma apresentação por 4 mil reais. Hoje, a gente ganha 3 mil reais para produzir e finalizar um projeto inteiro, muitas vezes inédito. Além disso, esse “novo normal” dita que tudo tem que ser a toque de caixa... Mas a gente está falando de corpos favelados, de corpos com familiares vivendo a situação da violência policial, além da pandemia, dentro da pandemia. O maior número de mortos pela Covid é dessa população. A gente tem que lidar com a dor e ao mesmo tempo com esse novo normal que está sendo imposto.

Quando a gente pensa que ganhava 4.000 por um dia e que agora ganha 3.000 por um projeto que vai ser executado em 4 ou 3 meses... É sobre reafirmar que você não é humano. A gente está lidando com coisas muito profundas. E mais uma vez temos que dar conta de um projeto político do Estado, que é, sim, de extermínio. O número de pessoas negras com problemas psicológicos nesse período aumentou, mas nós já éramos a população mais vulnerável psicologicamente por conta de todos os traumas que o racismo cotidiano gera. Estamos falando disso, né, de um fim do mundo para negros.

JAQUELINE – Eu acho “lindo” essa história do novo normal. Na verdade, não tem nada de novo. Só ficou pior. Não é novo para a gente que vive, no dia a dia, toda a indiferença do Estado. E essa coisa da cultura, enquanto direito, nunca existiu. A cultura está lá na Constituição de 88. Assim como a saúde e a educação, ela é um direito básico. Mas não é interessante permitir o acesso à cultura para algumas pessoas. É cruel você ter que lidar com o fato de que a política para a cultura é não ter política para a cultura. E a gente ouve uma série de barbaridades, os artistas ouvem muito isso, né? Que “a mamata acabou”. Gente, eu não cheguei nem perto de uma tetinha na vida... Não teve mamata para o lado de cá, não! Foi sempre precarização, sempre cerceamento, sempre um discurso de que a gente não podia acessar esses lugares porque a gente não tinha tempo para isso. Porque o tempo para a gente é dinheiro, sabe? O tempo que a gente “perde” fazendo arte, a gente não está fazendo concurso público ou uma faculdade de Direito. As pessoas mais pobres acreditam nisso, que elas não precisam de cultura. Tanto é que a gente ouve dos nossos pais muitas vezes que é uma perda de tempo estar fazendo teatro, porque aquilo não vai te levar para lugar nenhum. As pessoas acreditam e fortalecem esse discurso, porque os governantes dizem que é isso mesmo. Se você é artista, você tem que fazer no amor, afinal de contas, você escolheu isso por quê? Faz de graça! Ou então dá o seu tempo por pouquíssimo dinheiro. Enquanto a gente não estabelecer que arte e cultura são fundamentais para o crescimento de uma pessoa... Que uma criança precisa poder assistir a uma peça de teatro... E circular pela cidade...

Enquanto tudo isso não estiver junto, como uma coisa só, a gente não vai conseguir nada. E é isso que eles querem, que a gente não consiga nada, só as migalhas que eles dão. Ou você fica com essa migalha ou você não fica com nada. O nosso trabalho parece que é só uma diversãozinha. Só que não. É divertido, mas eu quero ganhar dinheiro com isso. Eu quero que no fim do mês eu consiga pagar o meu aluguel, comprar minha comida, beber minha cerveja, fumar meu cigarro, fazer o que eu quiser com meu dinheiro. Eu quero que o meu trabalho me garanta isso. Só que eu nunca vou ter isso porque não é do interesse do Estado e do Governo.

ISABEL – Acho interessante isso que vocês estão falando, porque fica claro como a precarização extrema desse momento está ligada a um projeto político maior, hoje ainda muito mais austero e excludente do que o que já houve com relação à cultura, saúde e educação. Fica claro também como a existência da Cia Marginal está atrelada àquele breve período da nossa história em que se estruturou algum projeto no campo da cultura com a perspectiva de inclusão e descentralização. Agora, o projeto é de aniquilamento total do nosso campo. E a pandemia torna tudo ainda pior.

WALLACE – Eu acho que não é só isso. É muito claro, para mim, que há um projeto que se estabelece numa ideia racista. Que está atrelado à colonização e que dá continuidade a ela.

ISABEL – Mas esse projeto teve nuances ao longo da história.

WALLACE – Eu acho que não. Por exemplo, quando a gente fala que a Cia Marginal só existe porque houve uma abertura para a cultura num determinado momento, não estamos pensando no meu irmão falando que a existência da Cia Marginal, para ele, está colada à nossa apresentação ainda como oficina lá na praça da Nova Holanda. Para aquele corpo, a Cia Marginal existe desde aquela experiência, entende? Por isso, eu falo que a estrutura que valida a gente é racista.

RODRIGO – Lembrei que a Pâmela, no início da pandemia, escreveu um artigo, chamado *Pandemia de desigualdades*, que falava exatamente disso, do quanto esse momento acirrou muito as desigualdades. E você vai refletindo e pensando e tentando



entender o que é isso. E quando isso vai mudar e como pode mudar. Hoje a gente se pega com 15 anos de estrada, tendo sido fomentado, sido referência, e percebe que... Cara, o que mudou realmente, em nível de estrutura? Jaque falou um pouco sobre isso, sobre quem pode e quem não pode acessar: “Você não pode ser artista, você não pode viver disso.” Mas existem pessoas que podem, que acessam, que estão usufruindo e vão continuar usufruindo; e tudo isso tem relação com uma estrutura. Falar de estrutura é falar de racismo, é falar de migalhas. São 15 anos. A gente era adolescente, hoje somos adultos, moramos sozinhos, mas continuamos na mesma estrutura; e como sair dela? É claro que muita coisa mudou, internamente, configurações, formas de se colocar no trabalho, responsabilidades. Mas o cerne da coisa, o que vai fazer a gente se mover, a grana, o fomento... É muito doido pensar sobre isso, e um pouco angustiante também. Eu acho. Eu sinto.

PHELLIPE – Tem esse lance do tempo que é roubado, né? Antes, o roubo do tempo tinha muito a ver com o transporte público, essa ferramenta criada para dificultar o acesso do preto e do favelado aos espaços culturais. Foi o que a gente pesquisou em *O clássico êxodo*. Na pandemia, essa dificuldade passou a ser colocada pela Internet. É impressionante... Se com o transporte era ruim, com a Internet é impossível. É extremamente absurdo uma atriz achar que é culpa dela não conseguir ficar *online*; e não da empresa que financiou o projeto. Durante a pandemia, artistas e professores tiveram que se adaptar rapidamente à linguagem do audiovisual, como se ela não fosse diferente daquela com que estamos acostumados a lidar. Isso é muito grave. Você precisa entregar um vídeo, precisa não sei o quê e a estrutura, que é o mínimo, não é dada. Por exemplo, é impossível trabalhar na Providência. É uma igreja de um lado, um baile *funk* do outro. Não tem como estar *online*. Então, quando chegou a proposta de adaptar para o espaço virtual *O clássico êxodo* e a oficina que faríamos presencialmente, a gente só aceitou adaptar a oficina.

JAQUELINE – É muito exaustivo, né? Na pandemia eu trabalhei muito mais do que antes. O espaço da nossa casa virou nosso espaço de trabalho. E as pessoas acham que, por você estar em casa, tudo bem mandar mensagem a qualquer hora. E te cobrar

de qualquer jeito. Além disso, na maioria das vezes, querem que você esteja nos lugares sem te dar um real. Se você cobra, é você quem fica mal por ter cobrado. Você cobra quase pedindo desculpas. É doloroso, sabe? Doloroso e cansativo. Não tem saúde mental que agüente. Eu não consigo parar para sentar e escrever um texto, um projeto. E tenho ideias! Eu tenho coisas que quero mostrar para as pessoas, mas não consigo fazer isso porque tenho medo, porque acho que as pessoas não vão me pagar. Eu passei uma semana nos meus pais e toda hora o meu pai me perguntava: “Filha, você está trabalhando?”. E eu dizia: “Estou sim, pai”. Mas que trabalho é esse que não me dá um real? Será que é trabalho mesmo? Meu pai é um cara velho, doente, muito preocupado com o fato de eu não ter dinheiro. Eu falo para ele que eu tenho, que eu vou conseguir, para que ele não precise lidar com isso. Eu estou protegendo ele de uma escolha minha que deveria ser valorizada, que deveria fazer sentido, que deveria ser vista como um trabalho, mas não é. Então, não tem como não chorar, não tem como não achar que a culpa é sua. O tempo inteiro dizem que se a gente não conseguiu fazer um trabalho é porque a gente não deu conta; e não porque existe uma estrutura que faz com que a gente não dê conta. A estrutura faz de tudo para que a gente, que já não tem condições, tenha menos ainda. Essa estrutura é racista demais. Quando eu penso que já me chocaram o suficiente, a gente se choca de novo. E se ferra, mais uma vez. Enfim, gente, desculpa... Desabafo.

### **Um novo olhar para os seus ou para se encher de si**

WALLACE – Eu estava lendo um livro da Audre Lorde em que ela, uma sapatão, preta retinta, fala desse lugar de que quando estamos ferrados devemos nos unir. A pobreza não é um problema meu, entende? A minha mãe foi pobre, meu pai foi pobre, os pais de vocês foram pobres, os avós de vocês foram pobres. E eles tretaram a vida inteira com essa lógica do “se vocês trabalharem mais, vai doer menos”. Então, acho que acessar a universidade e voltar para os nossos pais assumindo que não temos dinheiro é abrir um canal de discussão, de que a ferida é muito maior que nós. Não é sobre trabalhar, é sobre abrir espaço para novos diálogos entre nós. A experiência do

*Corpo minado* durante a quarentena foi muito difícil. Primeiro, o cancelamento. Depois, a adaptação *online* e todas as questões técnicas que vulnerabilizaram tanto a gente... Mas foi também uma experiência de cura.

ISABEL – Pegando o gancho do Wallace, acho que podíamos encaminhar a conversa para o fim, falando um pouco dos sentidos de resistência que estão presentes nas decisões tomadas por alguns de vocês em seguir fazendo. Wallace e Jaqueline estão hoje realizando o experimento *Entidade*; Rodrigo, a série de *lives Amare convida*<sup>9</sup>; Phellipe, o *reality Canceladas*. Acho que poderia ser legal falarem um pouco desses trabalhos, a partir dos sentidos de resistência e de luta por manterem, na centralidade da cena e dos espaços decisórios da criação, a voz periférica e dissidente.

WALLACE – A gente chega nesse momento da pandemiailhado, né? Eu fiquei um tempo queimando a mufa, sozinho, pensando: “O que eu vou fazer?” E aí a Livia me chamou para fazer uma cena no Muda Picadeiro Digital<sup>10</sup>. Eu tinha lido, no livro *Um defeito de cor*, um provérbio africano que falava: “Para se curar é preciso olhar para trás”. E fiquei com isso na cabeça, como se fosse uma mensagem para eu desdobrar ali, naquela parada. Então, decidi pensar numa cena que desmontasse a minha trajetória na Cia Marginal, a partir da perspectiva de um corpo preto que é viado. Porque hoje acho que a minha arte precisa trazer esse olhar cada vez mais aprofundado, ainda que em outros momentos ser favelado e ser negro estivesse mais manifesto do que ser viado. E volto para a cena da pomba-gira no *Qual é a nossa cara?*<sup>11</sup>. A minha vida inteira eu me vi tendo referências de teatro e experiências

---

<sup>9</sup> *Amare convida* é um encontro virtual produzido por Rodrigo Maré, que convida semanalmente um artista ou produtor cultural brasileiro diferente, para um bate-papo reflexivo sobre suas trajetórias e as estratégias para se manter ativo durante a pandemia. Contemplado pela Chamada Pública Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020, realizada pela Redes da Maré em parceria com a People’s Palace Projects e o Itaú Cultural, e com patrocínio do Banco Itaú, o projeto teve duração de três meses (agosto a outubro de 2020).

<sup>10</sup> O Muda Picadeiro Digital é uma rede virtual de solidariedade, apoio e fomento a artistas e trabalhadores da cultura em situação de vulnerabilidade durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Realizado durante o período de isolamento social e difundido por dispositivos como Instagram e Facebook, é uma iniciativa da rede mais abrangente de fomento a ações culturais, educativas e socioambientais Muda Outras Economias.

<sup>11</sup> *Qual é a nossa cara?* é o espetáculo de estreia da Cia Marginal. Montado em 2007 e apresentado pela primeira vez em setembro daquele ano no Museu da Maré, aborda a memória de moradores da Nova Holanda (uma das dezesseis favelas que compõem a Maré), entre eles os próprios atores da

artísticas que de alguma forma negavam a minha vivência como morador e viado da favela, mas ali naquela cena se estabelece algo diferente, que é sobre não precisar mais de uma referência outra para te legitimar. E foi no meio disso que eu comecei a pensar no projeto de mestrado. Conversei com meu irmão e ele falou da oralidade como um saber que precisava ser resgatado; e começamos a pensar num projeto que a gente tinha inscrito no Rumos Itaú Cultural que foi adiado por conta da pandemia. Aí nasceu o *Entidade*<sup>12</sup>, um experimento para que as pessoas possam acessar uma história e não uma performance artística. A gente resolveu sair de cena para se colocar nesse lugar de pessoas que vão resgatar e concentrar registros, fotos, áudios e vídeos de LGBTs da Maré. E inscrevemos o projeto no edital lançado pela Redes em parceria com o Itaú Cultural. Além disso, eu também fiquei pensando muito nos angolanos. Porque a gente tinha feito o *Hoje eu não saio daqui* e eles ficaram atravessados por aquela experiência, mas ela não ia voltar a acontecer durante a quarentena. Isso me fez pensar no *Quintal*<sup>13</sup>. Inicialmente, escreveria o projeto para a Vanussa, mas depois conversei com o Phellipe, e pensamos: “Mas tem os outros, né? Vamos incluir eles”. Então, a gente escreveu e ganhou o *Quintal*.

ISABEL – Que também entrou no edital da Redes?

WALLACE – Graças a todo o universo. A gente estava tocando numa matéria ali, que redefine quais são os conceitos com que você quer trabalhar, quais são os conceitos que de fato nos colocam na roda. Toda essa situação me fez repensar o que

---

companhia. Realizado com recursos do Prêmio Myriam Muniz de Teatro 2006, da FUNARTE, o espetáculo tem direção de Isabel Penoni, supervisão dramaturgica de Rosyane Trotta e elenco composto por Diogo Vitor, Jaqueline Andrade, Geandra Nobre, Priscilla Monteiro, Rodrigo Souza e Wallace Lino (destes, apenas o primeiro não integra mais o grupo).

<sup>12</sup> *Entidade* é um projeto de escrita territorial, idealizado por Wallace Lino e Paulo Victor Lino, com foco nas narrativas de LGBTQIA+ da Maré. As narrativas pesquisadas são apresentadas por meio de um experimento em que o usuário acessa conteúdos disponíveis em redes sociais e no site <https://entidademare.com/>. Também contemplado pela Chamada Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020, da Redes da Maré, o projeto se encontra em andamento.

<sup>13</sup> *Quintal* é um projeto de contação de histórias vivenciadas por membros da comunidade angolana na Maré. Realizado através de cinco episódios de 5 minutos compartilhados virtualmente, o projeto é dirigido e roteirizado por Wallace Lino, com colaboração dramaturgica de Phellipe Azevedo e Vanu Rodrigues. Reúne no elenco Elmer Peres, Nizaj, Ruth Mariana e Vanu Rodrigues. Tendo estreado em novembro de 2020, *Quintal* foi mais um dos projetos contemplados pela Chamada Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020, da Redes da Maré.

eu quero projetar com essas experiências emergenciais. E eu quero fazer uma projeção que alimente a minha vida no futuro. É isso, eu quero ser uma pessoa que vai passar pela academia e vai escrever sobre LGBTs negros favelados. Isso ficou muito lúcido para mim. A minha pesquisa está nesse lugar. E quero ganhar dinheiro falando sobre esses corpos. Mas ainda que eu esteja trabalhando com a temática LGBT, isso não impede que eu tenha héteros na minha experiência. Quais são as pessoas que eu vou acionar? Eu vou olhar para o Rodrigo, que é um cara que precisa ganhar dinheiro como eu. Eu fico pensando muito nisso, que se criaram novos sentidos de olhar para os meus, sabe? E também a possibilidade de olhar para as minhas experiências sem a pressão só do externo. Qual é a nossa decisão interna? A gente começa a pensar em tudo de um jeito muito mais leve. De alguma forma, o *Entidade* não foi muito trabalho, e quando foi muito trabalho a gente estava ali se divertindo. A gente estava sabendo a nossa história! A história dos bailes LGBTs que compõem a nossa memória. Tem esse sentido de um trabalho que é antes para a gente do que para o outro. Ele precisa alimentar a gente, dar sentidos para a gente viver. Foi muito importante encontrar esses signos. Eu não queria cobrar a Jaqueline numa função de produtora. Eu sei qual é a experiência da Jaque. Então, não podia estar cobrando uma postura de uma produção que não existe, no sentido daquilo que dizem para a gente: “tem que fazer uma coisa de qualidade”. E o que é qualidade?! Essas pressões estavam internalizadas em mim. Apresentar um trabalho de qualidade, mas sempre a partir de um julgamento que não fui eu quem construiu. É só uma resposta a um parâmetro externo. A qualidade vai se estabelecer. Fiquei muito feliz porque vejo que tem qualidade em todos os trabalhos. A gente está cada vez mais se enchendo de si. Os últimos processos da minha vida têm-me dado esse sentido de me encher de mim e dessa história da Maré, que é a da minha mãe, do meu pai, da sua mãe, do seu pai, enfim, muitas camadas.

PHELLIPE – Com o cancelamento de *O clássico êxodo*, o Arame ficou num limbo. A gente tinha começado uma pesquisa no audiovisual com esse projeto, que resultou no filme *Expresso Parador*, o primeiro curta-metragem do Arame Farpado junto com

o Cafuné na Laje<sup>14</sup>, dirigido pelo Jv Santos. Quando a temporada foi interrompida, a gente resolveu continuar aquela pesquisa e iniciar o *reality Canceladas*<sup>15</sup>. Isso, lá no início da pandemia, sem entender ainda o que ia acontecer. A gente acreditava que em julho ia acabar a quarentena e resolvemos fazer um *reality show* porque várias pessoas estavam reclamando dos trabalhos cancelados e do tédio. Nessa época, era o tédio que estava em alta. E a gente convidou loucamente 26 artistas independentes. A Jaqueline é uma das roteiristas, mas não pode participar do início da criação porque ainda estava de preceito. Ela fala que, se estivesse naquela época, ia cortar metade do elenco e com razão! O *reality* foi acontecendo muito a partir do aprendizado da prática com audiovisual, que ninguém tinha; então, a gente errou muito. Até hoje não finalizamos. Entendemos que o audiovisual é muito mais complicado, muito mais difícil e maior do que o teatro.

ISABEL – Mais excludente.

PHELLIPE – Não adianta ter as gravações se não tem como editar. Por isso, está na edição, parado.

ISABEL – O que moveu vocês no *Canceladas*?

PHILLIPE – No início, foi criar uma plataforma digital que divulgasse o trabalho de artistas independentes cancelados pela pandemia. Foi também uma forma de inserir o Coletivo Arame Farpado em outros espaços de trabalho enquanto grupo. O João assina a direção junto comigo, a Lidiane entrevista os eliminados e o Peterson e a Sol concorrem entre os participantes. Foi uma experiência livre: “Vamos fazer o que a gente quiser fazer”. E outras possibilidades foram aparecendo dentro do grupo,

---

<sup>14</sup> O Cafuné na Laje é um movimento independente de arte-educação do Jacarezinho, Rio de Janeiro, que articula arte e tecnologia em processos dialógicos de aprendizagem. Tendo o cinema e a fotografia como suas principais linguagens, é formado por Jv Santos, Jonas Rosa, Thais Alvarenga, Leo Lima, Jéferson Vasconcelos e Paulo Barros.

<sup>15</sup> O *reality show Canceladas* é uma produção do Coletivo Arame Farpado, realizada com o objetivo de proporcionar um intercâmbio cultural, a partir de temas como isolamento social, negritude, território, além das questões de gênero e sexualidade. Desenvolvido para usuários das redes sociais, seus participantes e, ao mesmo tempo, seu público-alvo são artistas independentes das diferentes regiões do Brasil, predominantemente pretos, periféricos, favelados e LGBTQIA+. Utilizando o suporte tecnológico do Whatsapp, Instagram, Youtube e Facebook, sua primeira edição ainda se encontra em andamento e reúne 28 artistas que tiveram seus trabalhos cancelados pela Covid-19.

como todos pesquisando roteiro. Ao mesmo tempo, rolou uma aproximação com a Filmes de Plástico<sup>16</sup>. A gente conseguiu uma mentoria para eles assistirem o *Expresso Parador*. E a partir disso o Maurílio propôs que o Coletivo participasse de uma oficina que ele iria ministrar de atuação para cinema.

ISABEL – Mas e o *Canceladas*?

PHELLIPE – Foi em paralelo. Enquanto produzíamos o *Canceladas*, fizemos a oficina com o Maurílio. Eu, Lidiane e Jaqueline fizemos também oficinas de roteiro. O audiovisual, de uma maneira geral, foi movendo o Coletivo durante a quarentena. No meio disso, ganhamos o edital da Redes para continuação da pesquisa iniciada com *O clássico êxodo*, a partir da ótica da Sol, que mora na Maré. Com isso, o grupo se dividiu. Tem a galera que fica no *reality*, eu e João; e a galera do *Placa mãe*, que é o projeto da Sol, dirigido pela Laís e pelo Peterson, com roteiro da Lidiane. De alguma forma, a pandemia trouxe o lugar do “não é só teatro”. Não é só isso que a gente pesquisa, a gente quer pesquisar outras coisas.

ISABEL – Houve uma reinvenção dos modos de produção do grupo, né?

PHELLIPE – Sim. Eu e Wellington, o produtor do Coletivo, conseguimos fazer uma oficina de captação de recurso. Então, tem também essa esperança, de botar em prática o que a gente aprendeu para ver se funciona. Porque, de tudo que a gente viveu, é muito nítido que o que a gente quer é dinheiro, não tem como mais ir sem dinheiro, não dá mais.

ISABEL – Jaque, quer falar também sobre a importância desses trabalhos? Fico pensando que tem algo que já era perseguido por vocês como artistas no ambiente presencial e que continuou a ser perseguido com a ferramenta do audiovisual. A relação da prática artística com a construção de um futuro, como o Wallace falou. Nesse sentido, qual a importância desses novos trabalhos que vocês estão fazendo?

---

<sup>16</sup> Criada em 2009, a Filmes de Plástico é uma produtora de cinema mineira, hoje sediada em Belo Horizonte, formada pelos diretores André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e pelo produtor Thiago Macêdo Correia.

JAQUELINE – Durante a pandemia, eu acabei me enfiando em alguns projetos, no *Entidade*, com Wallace e Paulo Victor; no *14 de março*<sup>17</sup>, com Geandra e PH; e no *Canceladas*, com o Arame. E acho que os três têm níveis de importância muito diferentes para mim. Na questão do dinheiro, eu acho que os editais da Redes foram fundamentais... Foi pouca grana, ninguém aqui ganhou rios de dinheiro... Mas...

WALLACE – Em cada projeto ganhei 500 reais.

JAQUELINE – A gente ganhou 600 reais no *Entidade*, e até agora 500 reais no *14 de março*. O *Entidade* é sobre a memória de pessoas LGBTs da Maré e sobre como essas memórias rasgam o território da favela. É sobre escrita também... Uma escrita que fala sobre esse território atravessado por corpos invisibilizados. Como a gente está muito envolvido nesse projeto, ele tem uma dimensão maior. A gente sabe o quanto algumas pessoas são botadas de lado. E o *Entidade* se propõe não colocar de lado essas pessoas. É muito forte pensar num experimento que trata da história da parada LGBT da Maré, conectando esse evento aos concursos e shows que as travestis faziam na Maré... Acho que a gente, enquanto grupo, sempre se propôs isso. Que as nossas vivências sejam vistas enquanto vivências que recortam aquele território e aquela cidade de uma maneira geral. Não são vivências pontuais, são vivências que vêm acontecendo há anos. E isso é muito importante, a nossa luta enquanto artistas periféricos. Mesmo que às vezes a gente não fale que é sobre isso, é sobre isso também. Sobre essa luta para que a gente consiga colocar um trabalho na rua, e para que ele seja visto. E acho que o *Entidade* tem isso. Pensando mais na população LGBT, mas não foge à regra do que a gente vem fazendo. A ideia é que a gente consiga falar sobre o que nós somos por trás da cortina de violência e miséria que a mídia e o Estado constroem. Toda essa cortina que apaga a gente. Tem pessoas que falam: “A Maré é um *bunker* de criminosos”. E outras: “A Maré é *bunker* de cultura”. Eu acho que a Maré não é *bunker* de coisa nenhuma! A gente não está fechadinho numa caixa.

---

<sup>17</sup> Projeto contemplado pela Chamada Pública Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020, da Redes da Maré, o *14 de março* é um diário no Instagram baseado no livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, através do qual se constrói pontes entre cotidianos de mulheres negras e faveladas de ontem e hoje. Idealizado por Geandra Nobre, o projeto estreou em dezembro de 2020.



A Maré é um espaço de experiências entrelaçadas e cortadas pelas pessoas que estão ali. Tudo acontece o tempo inteiro e ao mesmo tempo. O projeto da Geandra, o *14 de março*, é um projeto que fala sobre mulheres faveladas e que vivem a sua vida de um jeito pleno, que falam de sexo, de amor, de família, de arte e de desejo. De circulação. Esse projeto pode trazer muitas coisas novas. A gente tem uma ideia legal que é pensar o *14 de março* como um diário. Um diário espelhado na história da Maria Carolina de Jesus. Como essa mulher foi visionária, né? Visionária e apagada. Só quando morreu, as pessoas começaram a enxergar os textos dela, a vida dela. Com as mulheres da Maré também é assim. A gente precisa morrer para que alguém te veja. Então, é sobre representatividade, todos esses projetos. Sobre se sentir representado. Acho que eles têm uma força que cola muito com a nossa, da Cia Marginal. Até porque a gente não está ali à toa.

WALLACE – Não estou lá para passar pano para ninguém, não.

JAQUELINE – A gente está resistindo há quinze anos enquanto artistas, periféricos, negros, mulheres, LGBTQs. Enquanto favelados. Poucas pessoas conseguem ultrapassar tantas barreiras. A estrutura te diz o tempo todo que aí onde você está já é suficiente e que pode ficar bem com isso. Esses projetos têm a capacidade de dizer que a gente nunca vai ficar bem com isso, que nunca vai ser o suficiente, que a gente sempre vai querer mais. Que a gente pode mais, precisa de mais, merece mais; e sem dor. Por que para a gente merecer alguma coisa tem que ser tão doído? Para a gente conseguir uma coisa pequenininha é um inferno! A gente só quer um merecimento que sempre foi nosso. Aí eu penso no *Canceladas*, que foi o meu retorno para a vida! Porque a vida que eu vivi até o dia 11 de abril era completamente distinta. Uma vida cheia de regras. Fundamental para mim. Nunca abriria mão de viver as coisas dentro do preceito. Mas quando acabou, veio o *Canceladas*! Aquela beleza dolorosa! O *reality* só existe porque a gente está sendo, mais uma vez, deixado de lado. Ele vem com uma proposta: “A gente não tem dinheiro, mas vai sair desse tédio!”. As canceladas eram muito felizes dentro do *reality*. Elas estavam prontas para estar ali, para mostrar o seu trabalho. A gente sabia que não ia ter grana, mas que teria parceria. E parceria,

para a gente, é muito importante. Eu sou parceira do Rodrigo, que é parceiro da Bel, que é parceira do Wallace, que é do PH; e às vezes não vai ter mesmo grana. Vai ser só porque o teu amigo precisa ser fortalecido e você precisa estar ali fortalecendo ele. Dei muita sorte de ter entrado nesses projetos, porque eles me mantiveram viva. E não para o lado ruim, porque às vezes ficar vivo é ruim, mas para o lado do tesão, do divertimento. Da criatividade. Do desejo. Da vontade de ver aquilo se realizar. Esses três projetos me mantiveram viva nesse tempo em que a pandemia aconteceu. Eles me deixaram com tesão de continuar fazendo as coisas.

WALLACE – Muito linda. Terminei feliz a reunião. Chorei pencas, fiquei arrasada e Jaqueline me trouxe de volta para a vida.

JAQUELINE – Xangô é vida e eu sou filha dele.

### **Considerações finais**

Em *Descolonizando o conhecimento*, Grada Kilomba (2016) discute os limites dos cânones acadêmicos e suas hierarquias que determinam quem pode e quem não pode falar. Experimentamos tencionar esses limites, através de um artigo falado que veicula não apenas vozes, mas modos de conhecer geralmente desautorizados pelos padrões hegemônicos de neutralidade e objetividade, entre outros. Esperamos com isso ampliar as possibilidades de escuta num momento em que o caráter destrutivo da impossibilidade da fala ganha uma tradução literal: “Não consigo respirar” (George Floyd).

### **Bibliografia**

Kilomba, Grada, *Conversas Online: Grada Kilomba*. [Entrevista concedida a] Vítor Balenciano. BoCA – Biennial of Contemporary Arts. Junho, 2020. Consultado em quatorze de novembro de 2020 no link: [https://www.youtube.com/watch?v=fZp6FcsYfOU&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=fZp6FcsYfOU&feature=emb_title). Último acesso

Kilomba, Grada, *Descolonizando o conhecimento*. [Palestra-performance proferida em 2006], São Paulo, Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp).

P. Azevedo; C. Barbosa; E. Cardoso; M. Carvalho; M. Coutinho; C. Gomes; C. Lopes; D. Marques; T. Paiva; J. Souza; J. Targino, “A boniteza da abertura respeitosa aos outros” In. C. Andrade; G. Guenzburger; I. Penoni, Isabel, *Cenas Cariocas – modos, políticas e poéticas teatrais contemporâneas*, Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2020.